



Fundação Oswaldo Aranha



FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA – FOA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA – UNIFOA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**AMANDA MOURA BENTO DA SILVA**  
**KESLEY GONÇALVES DOS SANTOS**

## **O ALUNO AUTISTA E O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: INTERVENÇÃO ESCOLAR**

**VOLTA REDONDA**

**2020**



Fundação Oswaldo Aranha



**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA – FOA**  
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA – UNIFOA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O ALUNO AUTISTA E O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
INTERVENÇÃO ESCOLAR**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física como requisito à obtenção do título de Professor de Educação Física.

Autores:

Amanda Moura Bento da Silva

Kesley Gonçalves dos Santos

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Me. Andréa Oliveira Almeida

**VOLTA REDONDA**

**2020**



Fundação Oswaldo Aranha



## FOLHA DE APROVAÇÃO

ALUNOS:

AMANDA MOURA BENTO DA SILVA

KESLEY GONÇALVES DOS SANTOS

Banca examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Me. Andréa Oliveira Almeida

---

Prof. Me. Hilda Torres Falcão

---

Prof. Dra. Maria Cristina Tommaso de Carvalho



Fundação Oswaldo Aranha



## Dedicatória

A Deus princípio e fim de tudo, o Alfa e Ômega.

A todos que estiveram sempre do nosso lado, nos apoiando e ajudando para que esse sonho fosse realizado.

Agradecemos a Deus por nos permitir chegar até aqui, a nossa orientadora Andréa Oliveira, por estar sempre presente nos auxiliando em tudo, a nossos pais, irmãos, noivo e marido, por entenderem o quão importante foi o apoio durante todo esse processo de formação.

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema principal, o aluno com transtorno do espectro autista nas aulas de educação física. Através de uma pesquisa bibliográfica, buscou-se compreender as características deste transtorno, a realização desse diagnóstico e sobre a avaliação neuropsicológica. É apresentando também a legislação e a política de inclusão no ambiente escolar, além de discutir sobre o acolhimento e a importância da inclusão destes alunos nas aulas de educação física, destacando os benefícios que esta pode proporcionar a estas crianças. Vale ressaltar que para uma melhor adaptação deste aluno no meio escolar, faz-se necessário a adoção de algumas medidas por parte do professor, como por exemplo: planejar suas aulas com antecedência, usar uma linguagem clara e objetiva, não realizar atividades de longa duração, estimular as áreas sensoriais, além do uso do sistema de comunicação através da troca de figuras. Destaca-se neste estudo que o aluno autista dentro de suas possibilidades é capaz de desenvolver atividades, e é dever do professor buscar formas alternativas de trabalhar com o mesmo, estando atento e não evitando que o laudo diagnóstico apresentado, o impeça de realizar o planejado. Pode-se perceber através deste estudo, o quanto é importante, imprescindível e eficaz as aulas de educação física ao aluno com o transtorno do espectro autista.

Palavras-chave: Autismo, ambiente escolar e professor de educação física.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	09
2 TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA .....	10
2.1. Manifestações, níveis e Tratamento do Espectro Autista .....	11
2.2. Avaliação Neuropsicológica .....	13
2.3. Legislação .....	13
3 O AMBIENTE ESCOLAR .....	15
3.1. Política de inclusão.....	15
4 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
6 REFERÊNCIAS .....	21

## LISTA DE SIGLAS

CHAT – Checklist de autismo em bebês

CID – Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde

CNE - Conselho Nacional de Educação

CONFEF - Conselho Federal de Educação Física

DSM-IV – Manual de Diagnóstico, Estatística de Doenças Mentais da Academia Americana de Psiquiatria

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPAS – Organização Panamericana de Saúde

PECS – Picture Exchange Communication System (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras)

TEA – Transtorno do Espectro Autista

TEACCH – Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação



## 1. INTRODUÇÃO

Em 1943, Dr Leo Kanner foi o primeiro a escrever sobre o autismo, já no ano seguinte, foi a vez do Doutor Hans Asperger também a falar sobre o mesmo tema. Assim, ambos são vistos como identificadores do autismo. O Transtorno do Espectro Autista – TEA, segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS, é uma condição de saúde caracterizado pelo déficit em aspectos físicos, sociais e movimentos repetitivos e estereotipados (Mello, 2019).

Uma deficiência oculta, que vai de pessoas com condições intensas como a epilepsia até pessoas com vida mais acessível, sendo um transtorno multifatorial. Alguns estudos apontam que fatores genéticos estão sendo importantes na determinação da causa, como hereditariedade, fatores ambientais, idade paterna avançada e uso de determinados medicamentos durante a gestação (Revista Autismo, 2020).

De acordo com Mello, 2019, as manifestações mais comuns em autistas são: dificuldade de comunicação: difícil utilização dos sentidos de aspectos de comunicação seja ele verbal e não-verbal, incluindo as expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e gestos; dificuldade de sociabilização: dificuldade de se relacionar, em compartilhar sentimentos, emoções e gostos; dificuldade de imaginação: difícil aceitação em mudanças (rotina, casa, percurso), compreensão literal da linguagem e dificuldade na criatividade.

A atual pesquisa se justifica, ao observar atividades no período de estágio nas escolas durante o ano de 2019, foi possível perceber um pouco de despreparo para atender a pessoa autista, desde o corpo docente até a equipe escolar (direção, coordenação, merendeira, auxiliares de serviços gerais). Nos despertando o interesse em compreender melhor esse campo de atuação, trazendo os benefícios que a educação física pode proporcionar a estas crianças, sendo uma verdadeira inclusão.

Para isso faz-se necessário compreender o que é o TEA, seus níveis, analisar o ambiente escolar, compreender o papel do professor de educação física e buscar algumas sugestões para atingir o objetivo principal, que é oferecer educação de qualidade a todos de maneira justa e democrática.

A metodologia do estudo é de abordagem bibliográfica, por meio de revisão da literatura buscou-se os temas: Autismo, ambiente escolar e professor de educação física.

## 2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O austríaco Dr Leo Kanner, em 1943, escreveu pela primeira vez sobre o autismo, texto originalmente escrito em inglês, Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Logo após, em 1944, o Doutor Hans Asperger escreveu outro artigo tratando também do tema autismo, texto originalmente escrito em alemão, Psicopatologia Autística da Infância. Atualmente tanto Kanner como Asperger são colocados como identificadores do autismo. O termo espectro representa as variações do grau e a maneira como e manifestado o transtorno em cada pessoa (Mello, 2019).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde - OMS, o Transtorno do Espectro Autista - TEA é uma condição de saúde caracterizado no déficit na interação social, comportamento, comunicação e com um repertório de interesses e atividades restrita, repetitiva e estereotipada (Mello, 2019).

O TEA é uma deficiência oculta, dividida em quatro subtipos que inclui pessoas com condições associadas (comorbidades), como epilepsia, depressão, ansiedade e déficit de atenção, com o nível intelectual variado até pessoas que tem uma vida mais acessível e boas aptidões cognitivas, são eles Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, Transtorno Autista e Transtorno Degenerativo da Infância (Revista Autismo, 2020).

“Segundo a Organização Panamericana de Saúde OPAS, em folha informativa atualizada em abril de 2017, estima-se que, em todo mundo, um em cada 160 habitantes tem transtorno do espectro autista. Ainda de acordo com a OPAS, esta estimativa

representa o valor médio já que a incidência varia substancialmente entre os estudos e algumas pesquisas importantes têm relatado números de incidência significativamente superiores a 1:160.” (Mello, 2019)

Por ser um transtorno multifatorial, sua causa ainda é completamente desconhecida, porém estudos recentes apontam que os fatores genéticos (cerca de 97%) são muito importantes na determinação de suas causas, a estimativa é: 81% hereditário, alguns fatores ambientais – menos de 3% – ainda controversos, a idade paterna avançada ou o uso de algumas substancias medicamentosas durante o período gestacional, também podem estar associados. (Revista Autismo, 2020).

## 2.1. Manifestações, níveis e tratamento do espectro autista

A primeira coisa que chama a atenção dos responsáveis na criança é a calma e o sono ou o choro sem motivo por um período maior de tempo, queixas frequentes e que o bebê não gosta ou rejeita o colo, fixação do olhar nas mãos, morder-se, puxar o cabelo ou morder roupas (Mello, 2019).

De acordo com Mello, 2019, as manifestações mais comuns são:

Dificuldade de comunicação: difícil utilização dos sentidos de aspectos de comunicação seja ele verbal e não-verbal, incluindo as expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e gestos.

Dificuldade de sociabilização: dificuldade de se relacionar, em compartilhar sentimentos, emoções e gostos.

Dificuldade de imaginação: difícil aceitação em mudanças (rotina, casa, percurso), compreensão literal da linguagem e dificuldade na criatividade.

É importante identificar o nível do autismo pois auxilia na proteção das expectativas, em um melhor planejamento para o tratamento e quais as terapias complementares que vão contribuir de melhor forma para a autonomia e independência dessa pessoa (Autismo em dia, 2020).

O primeiro nível é conhecido como de alto funcionamento, os que são diagnosticados com a Síndrome de Asperger estão inclusos nesse grau, muitos desses vivem e trabalham de maneira independente. Alguns possuem habilidades verbais normais, mas acham complicado manter-se em diálogo com o outro; inteligência normal ou acima do normal, em alguns casos 10% dos autistas tem uma pontuação nos testes de QI acima do normal, mesmo assim tarefas que exigem decisões repentinas ou que modificam rotinas regulares podem causar algum tipo de dificuldade a eles; possuem uma quantidade menor de comportamentos repetitivos e restritos, às vezes chegando a ter o interesse fixo por um único tópico; há problemas também no que diz respeito a interação social como dificuldade de fazer amizades (Autismo em dia, 2020).

No segundo nível também conhecido como funcionamento moderado, a pessoa autista costuma precisar de uma assistência, ainda assim pode-se ter independência para exercer uma profissão quando adulto. Para este nível dos que tem TEA algumas dificuldades estão relacionados cante estão relacionados está comunicação verbal, alguns autistas preferem inclusive se comunicar com sinais de dispositivos tecnológicos; neste nível do espectro alguns possuem algum grau de retardo mental ou até mesmo QI normal, problemas comportamentais como andar na ponta dos pés girar em torno de si mesmo podem ser observados. Esses comportamentos podem gerar dificuldades nas questões sociais, escolares e profissionais (Autismo em dia, 2020).

Tratando de gravidade, o nível 3 ou chamado de baixo funcionamento é o mais alto, pois a pessoa do espectro necessita de auxílio nas tarefas do dia a dia, como se vestir, comer e realizar a higiene pessoal. As dificuldades para quem se encontra neste nível costumam ser maiores, como na comunicação verbal onde cerca de 40% das crianças com autismo não aprendem a falar e para os que são verbais há uma grande dificuldade no uso de palavras durante a comunicação, o funcionamento mental ou cognitivo é diminuído, alguns com o QI abaixo de 70, os extremos comportamentais podem afetar severamente nas atividades cotidianas e o envolvimento (Autismo em dia, 2020).

Alguns pontos que também podem observado são as alterações no sono e cognitivas, irritabilidade e agressividade, esses sintomas não são considerados principais no diagnóstico (Moraes,2020)

Para Espírito Santo, 2012, o autismo apresenta uma maior incidência no sexo masculino e as características são manifestadas antes dos três anos de idade.

## 2.2. Avaliação Neuropsicológica

É feito uma avaliação do quadro clínico, visto que não há exames laboratoriais específicos que detectam a síndrome, porém, o médico normalmente solicita alguns exames para investigar condições neurológicas. Para melhor diagnóstico são utilizados escalas, critérios e questionários, existem vários sistemas, os mais utilizados são: Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde CID-10 e o Manual de Diagnostico, Estatística de Doenças Mentais da Academia Americana de Psiquiatria DSM-IV e o CHAT – checklist de autismo em bebês (Mello, 2019).

O diagnóstico tardio causa prejuízo no desenvolvimento global desta criança, por isso assim que uma criança apresentar comprovados atrasos ou desvios no desenvolvimento neuropsicomotor, deve ser encaminhada para avaliação e acompanhamento com médico especializado em desenvolvimento neuropsicomotor, com avaliação formal para TEA com o Psiquiatra Infantil ou o Neuropediatra (Araújo, 2019).

Algumas pessoas com TEA conseguem viver de maneira independente, as que não conseguem por se tratar de transtorno grave precisam de apoio e atenção constante; alguns métodos me podem diminuir as dificuldades de comunicação e comportamento social são as intervenções psicossociais como a terapia comportamental e programas de treinamento para os responsáveis (Mello,2019).

## 2.3. Legislação

Em 27 de Dezembro de 2012, Dilma Rousseff, a então Presidente, sancionou a Lei Nº 12.764 que institui a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; que vem relatando sobre as diretrizes e direitos da pessoa com o espectro autista. O artigo 3º inciso IV diz sobre o direito de acesso a educação e ao ensino profissionalizante (Diário Oficial da União, 2012).

Já em 06 de julho de 2015, Dilma Rousseff, sancionou a Lei Nº 13.146 denominada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. O Art. 1º informa que esta lei é para garantir e possibilitar a igualdade quando se trata de direitos e liberdades necessárias para as pessoas com deficiência; já no Art. 2º mostra como e caracterizado o deficiente e o §1º o que é avaliado pela equipe multiprofissional e interdisciplinar. O capítulo IV dessa lei trata o direito à educação, o Art. 27 expõe o que esperam de resultado com o ensino aos deficientes – o maior desenvolvimento de talentos e habilidades físicas, intelectuais, sociais e sensoriais –, o Art. 28 desse mesmo capítulo descreve o que o poder público tem como dever assegurar para o deficiente, neste artigo há dezoito incisos especificando o que é necessário para um bom atendimento a pessoa com deficiência, entre eles estão o aprimoramento dos sistemas educacionais, projeto pedagógico especializado, pesquisas para desenvolver novas técnicas pedagógicas e métodos eficazes, planejamento e estudo de casos, participação dos estudantes e familiares nas atividades da comunidade escolar e uso de medidas de apoio (Diário Oficial da União, 2015).

Em 08 de Janeiro deste ano, o atual presidente Jair Messias Bolsonaro sancionou a Lei 13.977 para a criação do CIPTA – Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autismo, para garantir atenção integral, prioridade no atendimento e pronto atendimento, seja no serviço público ou privado, como nas áreas da saúde, assistência social e educação. Essa nova identidade será emitida pelos órgãos responsáveis no desempenho da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista dos Estados (Diário Oficial da União, 2020).

Pelo que podemos observar, a parte legislativa está bem assegurada a este público, além de termos diretrizes gerais para a inclusão, porém mais do que leis, decretos e diretrizes, é preciso uma mudança radical na cultura das escolas no que diz respeito a formação e capacitação dos professores.

### 3. AMBIENTE ESCOLAR

No início após a descoberta de Kanner, não houve um método considerado eficaz além da psicoterapia. O tempo foi passando e foi possível observar que o ensino estruturado e conceitos básicos da aprendizagem provenientes da psicologia comportamental conseguiriam ser utilizados de maneira produtiva. A atenção em geral está voltada para características diagnósticas consideradas mais importantes, sendo os problemas na interação social e comunicação, porém é necessário atentar-se em outros pontos dessa deficiência, como as dificuldades de aprendizagem. Um dos focos das escolas deve estar ligado em auxiliar esses alunos, a compensarem os desafios na organização prévia e nas competências organizacionais, tendo assim uma importante utilidade, desenvolvendo competências que possam ser utilizadas em diversos contextos da sua vida (Volkmar e Wiesner, 2019).

O trabalho educacional realizado na educação infantil, pode ser um fator importante para um bom desempenho desses alunos. Para que isso se torne possível é preciso fornecer recursos adequados para as instituições que trabalham com essa faixa etária. A necessidade de apoio especializado não pode ser um empecilho para o acesso ao ensino regular. (Cardoso, 1984)

No Brasil, o sistema educacional conta com a escola regular e a escola especial. Porém, nos últimos anos esse sistema passou por mudanças a fim de promover a inclusão (Santos e Almeida, 2018). Assunto que abordaremos a seguir.

#### 3.1. Política de Inclusão

As características do TEA não são os únicos requisitos a serem levados em consideração quanto a sua inclusão. Deve-se estar atento quanto a sua família, a administração escolar num todo, como professores e alunos. Para que não haja um comprometimento do ensino é necessário que a educação seja planejada levando em conta a vivência de cada estudante (Santos e Almeida, 2018).

A permanência dos alunos com necessidades especiais com outros alunos, não significa que está sendo praticado a política de inclusão, porém se apresenta de maneira a auxiliar no desenvolvimento desses alunos, de modo que suas necessidades educativas sejam sanadas, sempre respeitando as diferenças (Cardoso, 1984).

Assim, a inclusão escolar faz com que o aluno garanta sua entrada e permanência na escola, reconhecendo a diversidade como riqueza humana e cultural, possuindo recursos que facilite os acessos neste ambiente. É necessário ainda, parcerias da equipe multidisciplinar e familiar com as políticas públicas (Leal, 2019).

Quando uma escola se propõe a receber alunos com transtorno do espectro autista é necessário mudanças não só no espaço físico, mas em todo trabalho realizado, principalmente mudanças atitudinais (Alves, 2017).

A entrada de crianças com necessidades especiais no ensino regular não coloca apenas a escola fazendo sozinha todo o trabalho, desempenhando seu papel, mas une família e sociedade buscando combater a intolerância ou discriminação. Estar no ambiente escolar é de suma importância para as pessoas, pois será o primeiro contato com indivíduos fora do contexto familiar, ajudando a compreender como lidar com as diferenças e coexistir de forma mais harmoniosa (Leal, 2019).

De acordo com informações o Censo Escolar da Educação Básica é possível observar o aumento dos estudantes com TEA em classes regulares, comparando o ano de 2017 e 2018 foram 77.102 e 105.842 (+37,27%) respectivamente, em escolas públicas e privadas (Oliveira e Nobre, 2020).

#### 4. PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA



O papel do professor de Educação Física na vida escolar de um aluno, principalmente o aluno com algum tipo de deficiência é de inteira relevância e merece destaque, pois além de promover o acesso a novos conhecimentos, é o professor que estará próximo dos estudantes.

Uma das melhores ferramentas para auxiliar no desenvolvimento do autista é a educação, com variações na forma de abordar, mas concordando nos pontos principais (Mello,2019).

As pessoas com TEA possuem problemas no esquema corporal, dificuldades de equilíbrio e incoordenação motora, em alguns momentos não conseguem realizar atividades que dependem destas habilidades motoras, sendo assim, é de suma importância que o professor fique atento e não solicite que o aluno participe de algumas atividades que possa exigir uma certa coordenação, não expondo o aluno ou mesmo afastando-o das aulas (Alves, 2017).

O aluno através da Educação Física passa por vivências corporais que poderiam nunca acontecer fora do ambiente escolar, sempre respeitando o limite de cada um, e o CONFEF - Conselho Federal de Educação Física afirma que o ensino-aprendizagem de cada estudante tem a sua particularidade, não sendo diferente no caso do aluno autista (Alves, 2017).

O aluno autista dentro de suas possibilidades é capaz de desenvolver atividades, e é dever do professor buscar formas alternativas de trabalhar com o mesmo, estando atento e não evitando que o laudo diagnóstico apresentado, o impeça de realizar o planejado.

Algumas sugestões para o professor é que esse aluno se sente o mais próximo dele dentro da sala, seja estimulado a trabalhar em grupo e elogiado quando realizar uma atividade bem sucedida (Mello,2019).

Outras opções para a inclusão de alunos autistas são: planejamento de aula realizado com antecedência, o uso de uma linguagem clara e objetiva – pois eles possuem uma dificuldade de entender metáforas, não realizar atividade de longa

duração e estimular as áreas sensoriais (auditivo, visual e sinestésico), existe também o TEACCH – Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficitos Relacionados à Comunicação que não se trata de um currículo e sim de uma estrutura afim de ajudar na realização dos objetivos educacionais (Leal, 2019).

A relação aluno x professor nesses casos precisa ser de confiança, segurança e controle, com dialeto simples e objetivo (Alves, 2017).

Atualmente existe o PECS – Picture Exchange Communication System (Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras), esse sistema foi desenvolvido para auxiliar pessoas autistas e com outras deficiências relacionada ao desenvolvimento. A aplicação do PECS consiste em uma sequência de seis passos, ensinando a discriminação de figuras e como juntá-las em frases. O objetivo principal do PECS é ensinar uma comunicação funcional, sendo este o método de comunicação mais usado com alunos autistas (Mello, 2019).

Mesmo que o professor não tenha um conhecimento profundo na área, é possível trabalhar com autista, basta ter interesse no assunto e buscar informações e capacitações (Silvia, Gaiato e Reveles, 2012).

Quando é falado sobre a socialização o professor por meio de jogos, brincadeiras lúdicas e atividades pode inserir essa criança no ambiente escolar. No começo é necessário o que o professor ensine exatamente o que tem que ser feito, o tempo tem que ser menor para que aumente a possibilidade deste aluno estar atento a aula, de acordo com a possibilidade é interessante que o autista se torne ajudante do professor tendo pequenas atividades, recebendo um melhor esclarecimento de como realizar a mesma, outra atividade que favorece é as realizadas em dupla ajudando o próprio autista e o aluno sem a deficiência (Silvia, Gaiato e Reveles, 2012).

Já na dificuldade de concentração o contato visual é muito importante, para facilitar pode ser feita uma pesquisa de quais são os interesses desse aluno e desenvolver materiais e atividades com esse tema. Quando o aluno não tiver sucesso na realização de alguma atividade o professor pode fazer junto e pedir para que o

imite, para que a criança não saia da aula por frustrações; como uma dança de fim de ano onde o professor ensina passo a passo e o autista grava repetindo no dia da apresentação (Silvia, Gaiato e Reveles, 2012).

A dificuldade na linguagem pode ser trabalhada com atividades onde os alunos tenham que conversar um com o outro para executar a dinâmica, neste momento o professor pode estimular diversos assuntos visto que o autista possui um interesse limitado, começa com o interesse da criança e depois começa a mudar para outras temáticas (Silvia, Gaiato e Reveles, 2012).

O comportamento de uma criança autista geralmente apresenta movimentos estereotipados e repetitivos, uma forma de auxiliar na diminuição desses movimentos pode ser por meio de redirecionamento de atividades, se o aluno tem essa repetição na mão o professor pode passar exercícios que mantenham a mão ocupada como recortar e pintar (Silvia, Gaiato e Reveles, 2012).

Para trabalhar a independência do autista o professor durante as aulas pode enfatizar a importância de cada um guardar o material após a utilização e lavar as mãos após as brincadeiras, pode também pedir auxílio dos pais, para que em casa também realizem essa dinâmica de responsabilidade (Silvia, Gaiato e Reveles, 2012).

Sendo assim, o trabalho do professor de Educação Física é essencial, pois pode possibilitar uma maior socialização entre alunos autistas e alunos que não possuem esse transtorno.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta pesquisa sobre o aluno autista, com base nas legislações educacionais e a sua inclusão nas aulas de Educação Física, percebeu-se o quanto é importante, imprescindível e eficaz as aulas de Educação Física para a pessoa com TEA.

Vale ressaltar que para uma melhor adaptação deste aluno no meio escolar, faz-se necessário a adoção de algumas medidas por parte do professor, como por

exemplo: planejar suas aulas com antecedência, usar uma linguagem clara e objetiva, não realizar atividades de longa duração, estimular as áreas sensoriais, além do uso do PECS.

Desta forma, quando uma escola recebe alunos com o transtorno do espectro autista é necessário mudanças não só no espaço físico, mas em todo trabalho realizado, principalmente nas questões comunicacionais e atitudinais. É preciso uma adequação curricular e um trabalho em equipe com todos os envolvidos quanto a inclusão e sucesso deste aluno.

## REFERÊNCIAS

Alves, C. S. G. de **Educação Física Escolar: Uma Possibilidade de Intervenção no Transtorno Global do Desenvolvimento**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário de Volta Redonda: Volta Redonda, 2017

Araújo, L. A. de. **Manual de orientação: Transtorno do Espectro do Autismo**. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019.

Cardoso, F. H. **Língua e Literatura**. USP: São Paulo, 1984.

Espirito Santo, L.A.A. **O comportamento de crianças com Transtorno do Espectro Autístico no contexto de educação musical: estudo de caso**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. 2012.

Leal, R. F. **O Aluno Autista Na Perspectiva Inclusiva**. Unisanta Humanitas: Brotas, 2017.

Mello, A. M. **Autismo: guia prático** (Vol. 9ª Edição). Cambuci, São Paulo, Brasil: Corde. 2019.

Moraes, C. d. **Aripiprazol e o transtorno do espectro autista. Eficácia, segurança e tolerabilidade do aripiprazol em doses baixas e médias em diversos transtornos**. pp. 36-53. Ominifarma Editora e Eventos, 2020.

Olibeira, I. d., & Nobre, J. C. **Transtorno do espectro autista: desconstruindo uma perspectiva normalizadora na educação**(pp. 34-52). Em C. T. Cordeiro, & I. d. Oliveira, *Educação e Políticas Inclusivas Ressignificando a Diversidade*. Londrina, Editora Syntagma, 2020.

Revista Autismo. **O que é Autismo**. Vol 8, Revista Autismo, São Paulo, 2020.

Santos, D. de S., Almeida, R. R. de. **Desafios da Educação Inclusiva do Autista na Perspectiva da Comunidade Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário de Volta Redonda: Volta Redonda, 2018.

Silva, A. B., Gaiato, M. B., & Reveles, L. T. **Mundo Singular Entenda o Autismo.** São Paulo, Editora Fontanar, 2012.

Volkmar, R., Wiesner, L. A. **Autismo: Guia Essencial Para a Compreensão e Tratamento** [recurso eletrônico] / Tradução: Sandra Maria Mallmann da Roda; revisão técnica: Maria Sonia Goergen. Porto Alegre: Artmed, 2019.

#### **Acessos eletrônicos:**

**Existem tipos de autismo? Como identificar os níveis - Autismo em dia.** Disponível em: <<https://www.autismoemdia.com.br/blog/existem-tipos-de-autismo-como-identificar-os-diferentes-niveis/>>. Acesso em: 17 out. 2020.

**L13146.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 15 set. 2020.

**L12764.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)>. Acesso em: 15 set. 2020.

**L13977.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2020/Lei/L13977.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13977.htm)>. Acesso em: 15 set. 2020.